

## IDADISMO: UM COMBATE COLETIVO, PORQUE VELHO/A NÃO É O/A OUTRO/A...

AGEDISM:  
A COLLECTIVE FIGHT, BECAUSE OLD IS NOT THE OTHER...

AGEDISMO:  
UNA LUCHA COLECTIVA, PORQUE EL VIEJO NO ES EL OTRO...

Caríssimos/as leitores/as, convidamos para o aprofundamento de realidades que não nos são alheias, pois a velhice nos pertence e é parte do nosso cotidiano, de modo que é insustentável a premissa de que velho/a é o/a outro/a.

Que velhos/as somos nós? Na década de 1970 Simone de Beauvoir (1990, p. 265), em sua belíssima obra *A velhice*, já nos chamava atenção acerca da indiferença da sociedade para com o segmento idoso: “cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos”.

Hoje, o prolongamento da vida possibilitou a convivência de várias gerações, ou seja, a pluralidade de mundos. As relações intergeracionais configuram-se num cenário de embates, haja vista a efemeridade das mudanças. Avós, filhos/as e netos/as, frequentemente, não compartilham dos mesmos pontos de vista.

Como refletir a inserção do/a velho/a nessa dinâmica em que num curto período de tempo as pessoas passam a fazer parte do mundo do “antigamente” ou se tornam obsoletas, como coisas? De que maneira se caracterizam as trocas intergeracionais?

Face a convivência de conflitos e divergências de valores entre gerações, como construir uma *sociedade para todas as idades*? Esta foi a recomendação feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), por ocasião da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento Humano (Madri, 2002), tendo em vista a promoção da solidariedade entre as gerações. Seria possível uma sociedade intergeracional? Como estamos contribuindo para uma cultura da longevidade?

Tal questionamento nos remete a uma cena icônica do filme *Tomates verdes fritos*, quando uma jovem toma a vaga de uma mulher de meia-idade no estacionamento, a qual, indignada, reclama ter visto primeiramente e que já estava fazendo a manobra. Eis a resposta que escutou: “Somos mais jovens e mais rápidas”. Diante desta cena cinematográfica, mas

---

plena de vida real, refletimos: Quão distante é a velhice na / da vida do/a jovem. Como é difícil sentir-se no lugar do outro, que mesmo não sendo eu, retrata minha condição futura.

E por falar em vida real, recentemente, no Brasil, um caso que ganhou ampla notoriedade foi o desrespeito publicizado na *internet* por parte de três jovens universitárias contra uma mulher com idade por volta dos 44 anos, que também ingressou junto com elas no mesmo curso.

A reprovação movida por um pensamento cristalizado de que necessariamente existe uma determinada idade para estudar, demonstra nas falas das referidas jovens que nós mais velhos e velhas também erramos, pois como educamos? O que nos ensinaram sobre a velhice e o que ensinamos? Como as jovens chegaram a essas representações? – “Gente, quiz do dia: como ‘desmatricula’ um colega de sala?”. Logo depois, outra responde: “Mano, ela tem 40 anos já. Era para estar aposentada”. “Realmente”, concorda a terceira”.

Esta é uma circunstância do que hoje chamamos de *idadismo*, *etarismo*, *gerontofobia*, isto é, preconceito contra a velhice. Embora as nomenclaturas sejam novidades, a postura data de um passado muito distante e retrata uma realidade estrutural e estruturante somada ao racismo, ao machismo, à homofobia...

Convivemos com o preconceito ao lado da idealização da juventude, como se esta fosse perene, a exemplo do episódio citado o qual descortina o futuro que estamos construindo: uma sociedade *velhofóbica*. Deste modo, insistimos: qual a nossa perspectiva na sensibilização de uma sociedade para todas as idades? Partindo da consideração de que somos *seres de inacabamento*, aprendizado tão sublime que Paulo Freire nos legou, é mister, antes de tudo, superarmos as nossas próprias prenoções e valorizar a empatia – nos colocar na condição dos velhos e velhas que seremos.

Ademais, um equívoco não raro é sempre relacionar a velhice à doença, sem atentar para a complexidade e heterogeneidade do processo de envelhecimento. Daí convém problematizar o debate em torno do idadismo, como ainda as formas de resistências de velhos/as por meio de suas capacidades inventivas e criativas de ser, viver, envelhecer.

Frente a tal perspectiva, vale destacar as legislações brasileiras e internacionais no tocante ao combate da discriminação contra a velhice. O Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741 de 2003), para citar um exemplo, preconiza que discriminar pessoa idosa, impedindo-a ou dificultando o seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, contratações, ou

---

seja, ações que restringem o exercício pleno da cidadania, por motivo de idade, é crime sujeito à penalidade.

Não menos importante é a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos (OEA, 2015) que prescreve sobre este tema. O Brasil já assinou, mas ainda não ratificou. A urgência da ratificação da lei é de extrema relevância, uma vez que determina a obrigação do Estado nas ações do público alvo, além de se configurar como um potente instrumento porque se assimila a Emendas Constitucionais, daí passa a fazer parte do ordenamento jurídico do país.

E qual vida/velhice desejamos? Decisivamente não é a que produz e reproduz o constrangimento ou a rejeição, cujas comportamentos deterministas conduzem ao escárnio, numa sociedade preconceituosa onde alcançar o topo do ciclo vital traduz-se ao não-lugar, quer dizer, uma sociabilidade que desvaloriza e nega o/a outro/a, no decurso de uma prática conservadora que nos coisifica.

Num caminho contrário, perseveramos na expectativa de que a idade não se define como impedimento para uma trajetória digna, de que uma velhice mais humanizada se concretize para além das leis que preconizam o direito à vida e de uma sociedade mais educada no sentido de priorizar, de fato, o respeito à sua população idosa.

Foi com base nestes argumentos e perspectivas que elaboramos o *Dossiê Idadismo: um combate coletivo, porque velho/a não é o/a outro/a...* cujos objetivos se voltaram a enfatizar o idadismo e seus impactos nas relações sociais, bem como de sua interferência na construção e implementação de políticas públicas.

Uma das questões centrais foi rever a versão generalizante e negativa que desconsidera as subjetividades, as singularidades do envelhecer e as contribuições das pessoas idosas na família e na sociedade como um todo, de forma a ampliar a visibilidade das diversas resistências na direção de suplantar um tempo que priva velhos e velhas de vivenciarem plenamente o hoje.

Ainda foi de interesse investigar o reflexo do idadismo na saúde das pessoas idosas durante a maior tragédia sanitária sofrida no Brasil e o papel da educação formal e não formal como estratégias de enfrentamento ao preconceito contra a velhice. Configuraram-se como assuntos prevaletentes nos artigos ora publicados.

---

Paralelo a essa discussão, é notável a complexidade do fenômeno do idadismo em tantos aspectos e esferas da vida social, a exemplo dos demais textos nos quais foram contemplados os conteúdos curriculares nos cursos superiores, o isolamento, a situação de moradia, as representações da sétima arte, a contribuição da literatura infantil para uma educação anti-idadista, a excessiva negação à velhice pelas próprias pessoas idosas...

Afinal como nos ensina o professor Vicente Faleiros em seu artigo *A estruturação do idadismo*, trata-se de uma construção social permeada pelas relações sociais e culturais, ou melhor dizendo, uma crença aprendida.

Contudo, é imperativo desaprender! Fazemos coro juntamente com o poeta Manoel de Barros em sua sabedoria: “desaprender não é apenas um modo de fazer lugar no cérebro para aprender coisas novas. É um jeito de manter-se sempre em contato com o essencial. É renovar-se” (*online*).

Neste sentido, a prazerosa entrevista sobre a história pessoal e acadêmica da Professora Maria Cecília Minayo nos faz perceber a possibilidade de outras velhices verdadeiramente decentes, desde que as oportunidades para a condição de viver melhor sejam mais igualitárias e, aqui, nos referimos à educação de qualidade.

Conforme se observa, o professor Vicente Faleiros e a professora Maria Cecília Minayo, ambos “a oitenta por h(ora)” para usar o termo daquele, experienciam suas velhices sem incorporar comportamentos deterministas, ao contrário, resistem ao idadismo na compreensão de que enquanto há vida, realizamos projetos, levando em consideração que a idade não se apresente como um impedimento obrigatório (Alcântara, 2021).

Em outras palavras, o mundo mudou, contudo, em nosso imaginário social predomina a imagem da pessoa idosa com seu pijama, na cadeira de balanço, a contar histórias para os netos, presa ao passado e mais questionável ainda: “um peso para a família”, enfim, esta é uma representação cristalizada que limita um jeito de ser velho/a como se fosse o único. Por isso, recusar modelos pré-concebidos deve ser premente a fim de romper com os preconceitos.

Ademais, os resultados estão expostos nas próximas páginas através de pesquisas oriundas das diversas partes do Brasil, de maneira a nos provocar perturbadoramente para a necessidade urgente de contribuir no combate ao idadismo, levando em consideração a potência de um conhecimento em que não seja suficiente a versão dos fatos, mas transformar a partir destes.

---

Aproveitamos para agradecer e parabenizar a todos/as pesquisadores/as pelo permanente exercício teórico-prático na atuação junto ao segmento idoso com base no pensamento crítico, direcionamento este essencial para o alcance profundo dos nossos objetos, concomitante à superação da dicotomia entre pesquisa científica e prática profissional.

Uma excelente leitura e inspirações profícuas,

Adriana de Oliveira Alcântara<sup>1</sup>  
Áurea Eleotério Soares Barroso<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professora do Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP-UFC). Doutora em Antropologia Social (UNICAMP). E-mail: [alcantara2002@yahoo.com.br](mailto:alcantara2002@yahoo.com.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4590-7509>.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Gerontologia (EACH/USP). E-mail: [barrosoaurea@gmail.com](mailto:barrosoaurea@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6180-6209>